



Um estudo realizado pela consultora Vanson Bourne, sobre a flexibilidade no trabalho e o seu impacto na produtividade das empresas e colaboradores, revelou que o défice de produtividade em Portugal pode estar relacionado com a falta de flexibilidade no trabalho e, em especial, no uso da tecnologia para fins profissionais. O estudo inquiriu 1.500 trabalhadores, em 15 países europeus incluindo Portugal, e deu a conhecer alguns indicadores sobre a realidade da produtividade nas empresas em Portugal:

- **Apenas metade das empresas portuguesas incorporam a flexibilidade no seu modelo de trabalho.** Dos trabalhadores inquiridos a nível nacional, 37% revela que nunca trabalharam fora do escritório, apesar de reconhecerem os benefícios do trabalho flexível. No entanto, **82% destes afirma fazer horas extraordinárias** todas as semanas, sendo que a grande maioria, 63%, fazem-no normalmente no seu local de trabalho.
- Embora quase 44% dos trabalhadores afirme que o trabalho flexível é permitido no seu local de trabalho, **apenas 14% das empresas possui uma política proactiva de trabalho flexível** (um dos valores mais baixos da Europa) e suporte tecnológico a este mesmo modelo e 59% dos trabalhadores inquiridos, admite usar tecnologia pessoal em contexto profissional. Adicionalmente, são as pequenas empresas (com menos de 10 colaboradores) que apresentam maior propensão para permitir o trabalho flexível, com mais de dois terços a utilizar já este modelo de trabalho.
- O estudo demonstra, ainda, que o impacto do trabalho flexível excede largamente a mera satisfação do trabalho uma vez que, nas organizações que integram formas de trabalho flexíveis, **63% dos trabalhadores em Portugal acredita que o trabalho flexível os torna mais produtivos**, na medida em que lhes permite um melhor equilíbrio entre a sua vida profissional e pessoal, destacando-se esta percentagem como a mais elevada na Europa.

- No que concerne às possíveis barreiras à flexibilidade no trabalho, a falta de confiança na execução das tarefas fora do local de trabalho (apenas 45% confia na produtividade fora do escritório) e a pouca disponibilização de informação, apoio e procedimentos das empresas (apenas 14% o fazem de forma estruturada) são as razões apontadas.

Este estudo, encomendado à consultora pela Microsoft Europa, caracteriza o tecido empresarial português e dá a conhecer as linhas orientadoras daquela que deverá ser uma cultura empresarial de confiança, assente num modelo de trabalho flexível. Neste âmbito, as empresas portuguesas enfrentam dois grandes desafios: por um lado, assegurar o acesso dos seus colaboradores aos suportes tecnológicos mais adequados ao cumprimento dos seus objetivos, e por outro, a construção de uma cultura de confiança na produtividade dos colaboradores e flexibilidade no trabalho.

Consulte [aqui](#) o estudo na íntegra.